

Isabel de Aragão – a Santa de Coimbra

António Manuel Ribeiro Rebelo
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - CECH;
Fac. de Letras da Univ. de Coimbra

Publicado em: *Correio de Coimbra*, 8 de Junho de 2018, p. 5.

Escassos meses volvidos sobre o terramoto de 1755, a vereação da Câmara de Coimbra elegeu a Rainha Santa, São Teotónio e os Santos Mártires de Marrocos protectores da cidade. Desde 24 de Fevereiro de 1756, são estes santos oficialmente os padroeiros da cidade de Coimbra.

A partir de então, passou também a Câmara a assistir, em colégio, às festas da Rainha Santa, de São Teotónio e dos Santos Mártires de Marrocos, que elegera como seus protectores. Os autarcas de Coimbra decidiram colocar a cidade e seus munícipes sob a celeste protecção destes santos, porque era nesta cidade que as suas sagradas relíquias se encontravam guardadas, à veneração do povo. Todavia, de todos eles, só D. Isabel de Aragão havia explicitamente escolhido sepultura em Coimbra.

Ter-se-á apaixonado pela cidade do Mondengo logo que aqui chegou no Outono de 1282, depois das celebrações nupciais com D. Dinis, em Trancoso. Embora D. Isabel fosse uma das rainhas mais activas e acompanhasse o marido, em Lisboa, Santarém, Leiria ou qualquer outro lugar, Coimbra era o local preferido. Cedo o povo de Coimbra se habituou às práticas piedosas e caritativas da sua Rainha.

Foi aí que ela deu continuidade ao louvável projecto de D. Maior Dias, senhora da nobreza e de grandes posses, que não conseguiu cumprir o desejo de fundar um convento de “donas de Santa Clara”. Depois da morte de D. Dinis, em 1325, a Rainha vestiu o hábito de clarissa em sinal de tristeza, pelo seu estado de viuvez, mas também de humildade. Viveu com esse hábito até à morte e veio mesmo a servir-lhe de mortalha.

Junto do mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel [da Hungria] mandou a Santa Rainha construir um paço adjacente ao Mosteiro, junto ao qual estabeleceu um verdadeiro complexo de assistência social: servia de hospital, para cuidar dos mais pobres, sobretudo doentes e idosos, e de gafaria, para curar leprosos; aí mantinha algumas amas de leite para alimentar alguns recém-nascidos, mas também os expostos, crianças abandonadas à nascença que ela, juntamente com os órfãos, preparava para a vida, através da educação e da aprendizagem de um ofício, que lhes permitisse garantir a subsistência; aí socorria também os indigentes e as viúvas, sustentando-os diariamente; acolheu ainda mulheres perdidas, que a Rainha tentou

regenerar e a quem proporcionou uma vida honesta, mesmo que as tivesse de transferir para Torres Novas, a fim de as apartar da exposição aos assédios constantes do antigo pecado.

A todos estes pobres de Cristo servia Santa Isabel com humildade e um fervor caritativo singular. Nenhum deixou de ser socorrido, na medida das suas necessidades. Em 1333 grassou uma horrível fome, que atingiu pobres e ricos. Ninguém tinha pão para comer. Não hesitou Santa Isabel em gastar todo o dinheiro e vender as últimas jóias para mandar vir trigo do estrangeiro, a fim de matar a fome ao povo de Coimbra e arredores.

Ainda o seu corpo não tinha sido sepultado e já o povo a aclamava como santa. O culto em torno da sua figura seria legitimado pela beatificação, em 1516. Rejubilaram a cidade e diocese de Coimbra, que finalmente a puderam venerar nos altares das suas igrejas. D. João III impôs ao Colégio das Artes a obrigação de fazer uma oração pública em louvor da Rainha Santa, na presença de toda a comunidade universitária. Com a sua canonização em 1625, a cidade de Coimbra imprimiu novo incremento às celebrações de Santa Isabel. A Universidade associa-se de imediato à veneração à esposa do seu fundador com a aprovação, em claustro pleno, de um "préstimo de capelos" à Igreja de Santa Clara, o único que sobrevive à reforma pombalina e se mantém ainda nos dias de hoje.

Nesta cidade de Coimbra, pois, conquistou Santa Isabel a simpatia e o amor de um povo, que a aprendeu a amar como a uma mãe carinhosa e desde muito cedo lhe teceu uma coroa de santidade que ainda hoje perdura na devoção popular de muitas gerações que não a esquecem e a quem Santa Isabel sempre tem sido solícita a acudir nas horas de maior desespero.

António Rebelo